



Universidade
de e para
Catadoras e Catadores

UNICATA NOTÍCIAS

FEITO POR E PARA CATADORAS E CATADORES

Edição 02/2024, Brasília



Módulo 1 - Turma Centcoop , Brasília DF, 2024

Seja bem-vindo à nova edição do Jornal da Unicata, a Universidade de e Para Catadores!

Neste número especial, celebramos as **histórias inspiradoras** de mulheres que são pilares da catação e protagonistas na luta por respeito, reconhecimento e condições dignas de trabalho. Essas mulheres, com sua força e determinação, representam a essência da Unicata: transformar vidas por meio do conhecimento, da união e do empoderamento.

Nestas páginas, você conhecerá parte da história da reciclagem no Distrito Federal, contada por quem viveu e construiu essa trajetória com trabalho, coragem e perseverança. São relatos emocionantes de catadoras que enfrentaram desafios, ajudaram a fortalecer as cooperativas e exaltam o poder da coletividade.

Mais do que histórias, estas páginas trazem um convite à reflexão e à ação. Junte-se a nós nesta jornada de aprendizado e inspiração.

A UNICATA espera que você goste do jornal! Boa leitura!

Organização: Greice Martins e Vanessa Resende Nogueira Cruvinel
Edição e diagramação: Isabella Vallin e Greice Martins



O início de tudo

Por Jaqueline Sousa da Silva

A CENTCOOP começou com um grupo de catadores que já estava em cooperativas ou associações formalizadas, ainda na época do Lixão da Estrutural. Eram, ao todo, 11 cooperativas. Naquele momento, eram apenas reuniões para discutirmos o que queríamos para a nossa Central. Pensamentos ricos, maduros, ambiciosos, que enchiam os nossos olhos, pois um futuro próspero e o sonho de ver a nossa realidade melhorar nos moviam.

Em 2006, quatro cooperativas se organizaram para formalizar a CENTCOOP. Juntamente com o Movimento Lixo e Cidadania e com a Cáritas, alugamos um escritório. Na primeira reunião, não havia cadeiras. Todos estavam sentados no chão. Foi lindo e emocionante. Infelizmente, dias depois, o presidente, seu Antônio do Varjão, foi assassinado brutalmente. Isso abalou muito, mas, em seguida, surgiu uma nova oportunidade.

A Fundação Banco do Brasil apadrinhou a Central. Houve um contrato, fizemos discussões, todos tentando aprender o que fazer. Com o tempo, o Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da UnB começou a nos orientar sobre as questões de mercado e encubou a CENTCOOP, abrindo horizontes como um leque para nós, na prática. Com o passar do tempo, passamos de 11 cooperativas para 20. Uma construção árdua. Passamos fome, raiva, luto, mas a primeira cooperativa ganhou maquinários do governo. Pouco tempo depois, membros da própria cooperativa roubaram e venderam as máquinas. Ficamos novamente sem estrutura.



Mas, todos unidos, começamos a trabalhar novamente. Criamos o regimento interno, e os critérios participativos eram fundamentais no processo. Era linda a ideologia de ajudar umas às outras. Infelizmente, entre 2008 e 2010, nosso salário não chegava a 300 reais e, muitas vezes, para almoçar, tínhamos apenas uma manga verde com sal, colhida das mangueiras próximas. Os transportes que tínhamos eram apenas a pé, e para lutar íamos caminhando desde a rodoviária do Plano Piloto até o Palácio do Buriti, um trecho de cerca de 4 quilômetros.

O lixão ainda estava funcionando a todo vapor, mas já havia grande discussão para fechar aquele espaço. Os catadores que trabalhavam ali ganhavam bem, mas aquele trabalho era insalubre e desumano.

Enquanto isso, nas cooperativas, o salário era muito baixo. Várias equipes foram formadas para participar das políticas da gestão administrativa, para conseguirmos áreas e infraestrutura para essas cooperativas de catadores.

Naquela época, tive a oportunidade de viajar para Belém do Pará, para participar do Fórum Nacional de Educação Ambiental.



Voltei para Brasília e saí do aeroporto direto para o Palácio do Planalto, onde participei de uma solenidade de concessão de uso das áreas da CENTCOOP. Finalmente, veio o projeto de construção do complexo. Tudo ainda era um sonho, mas estava se tornando realidade na nossa frente.

Em 2018, o lixão foi fechado e muitos catadores ficaram sem trabalho. Apenas em 2021, o complexo de reciclagem foi inaugurado. Apenas quem já tinha contrato com o Governo do Distrito Federal tinha prioridade de entrada e a luta pelas conquistas precisava continuar.

Trabalhamos de forma digna. Aprendemos muito na nossa luta prática. Aprendemos que, muitas vezes, os frutos demoram muito para ser colhidos.

Projetos de coleta seletiva, de triagem, com a participação de algumas cooperativas, e a exclusão de outras e, infelizmente, começou a separação de vários grupos: as cooperativas que atuavam dentro ou fora do lixão.



Inauguração do Complexo de Reciclagem em 2021.
Foto: Alessandra Alves.



É uma luta árdua que vivemos, na esperança de dias melhores..

Em 2022, Aline, a presidente da CENTCOOP, colocou a faixa no presidente Lula e aumentou muito o reconhecimento da nossa categoria.

Foto retirada da conta do Instagram da Centcoop.

A CENTCOOP atualmente é a primeira rede da América Latina e tem vários projetos: melhoria da estrutura, capacitações, conhecimento de mercado e educação ambiental.

Eu agradeço pelos 15 anos de trabalho. Continuamos. Sou uma das fundadoras da minha cooperativa também e fiz parte da construção da Central.

Agarrei todas as oportunidades que me foram dadas, cresci, amadureci e deixei de ser uma menina. Hoje sou mãe, esposa, irmã, filha, amiga e comprometida com meu trabalho.



A RECICLAGEM NA MINHA HISTÓRIA

Por Nivea Sousa da Trindade

Eu sou uma mulher que não conhecia o que era reciclagem, mas, quando descobri, comecei a gostar daquele trabalho. Ele surgiu, porque eu não tinha renda naquela época. O ano era 1997. Eu vivia em uma invasão, morava em um barraco de lona, trabalhava de carroça na rua, no sol e na chuva. Foram muitos altos e baixos.

Nessa época, eu e minha mãe saíamos bem cedinho para não perder as lixeiras. Havia muitos catadores nas ruas, então quanto mais cedo saíssemos, melhor. Saíamos eu e ela por volta das 6 da manhã. Trabalhávamos de domingo a domingo para não perder nada de material. Os meus filhos iam para o colégio, eles estudavam pela manhã, faziam cursos à tarde ou me acompanhavam.

Nós nem conhecíamos e nem sabíamos o que era uma cooperativa. Então, um grupo de pessoas que se voluntariavam e levava café da manhã para nós nos deu a ideia de criar a cooperativa.

Nessa ocupação tinha creche, cozinha comunitária, barracão para reuniões e eventos, alfabetização e cursos de agente de saúde e de educação. A construção daquele espaço, com barracos de lona, mudou a realidade de todos. Antes não conseguimos matrícula na escola nem consulta no posto de saúde por não ter endereço. Todos passaram a usar o endereço "Ocupação da Smarff".

Conhecemos o Ronei, então presidente da CENTCOOP, que nos acolheu. Hoje atuamos no Centro de Reciclagem. Seguimos construindo nossa história com dignidade, união e esperança em dias cada vez melhores

Um pouco mais da nossa história, pode ser vista [**aquí**](#).

Tudo mudou quando criamos a cooperativa Reciclo em 2006. Nós começamos a adquirir dignidade, nos organizamos. A renda começou baixa, mas com o tempo fomos conquistando dignidade. A melhor coisa foi poder entrar em um supermercado e comprar comida com o dinheiro do nosso trabalho, sem olhares e sem julgamentos.

O barraco era a nossa cozinha comunitária. Aqui todos almoçavam, até moradores que não eram da cooperativa participavam da cozinha da Reciclo.



Ocupação da Reciclo em Taguatinga, DF. Aqui foi criada a Reciclo. Foto: Nivea Trindade.



A História da Superação dos Catadores e a Transformação do Lixão de Brasília

Brenda Alves Carvalho

A Realidade do Lixão: O Início de Uma Jornada Difícil

Até 2018, o Lixão de Brasília, oficialmente conhecido como Aterro Sanitário, foi o único local onde muitos catadores de materiais recicláveis encontravam meios de sustento. Essa realidade, porém, era marcada por condições de trabalho extremamente precárias e perigosas. Os catadores passavam longas horas expostos ao sol e à chuva, sem qualquer infraestrutura que garantisse sua segurança.

O local não só oferecia riscos à saúde, mas também expunha os trabalhadores a constantes acidentes: atropelamentos por caminhões e soterramentos por montanhas de lixo eram comuns e, infelizmente, resultavam em mortes. Era um ambiente desolador, mas era o único espaço que muitos tinham para garantir a sobrevivência de suas famílias.

O Fechamento do Lixão e a Esperança de uma Mudança

Em 2018, o GDF (Governador do Distrito Federal) tomou uma decisão histórica: fechar o lixão e buscar alternativas mais humanas e seguras para os catadores de materiais recicláveis. Apesar de necessária, essa medida causou um impacto imediato. Para muitos, o lixão era o único meio de subsistência, e a incerteza quanto ao futuro tomou conta da vida dos catadores e de suas famílias.

Em resposta a essa necessidade, o GDF lançou a proposta de criar um espaço mais seguro e adequado para os catadores: o Complexo Integrado de Reciclagem, localizado no SIA (Setor de Indústrias e Abastecimento). A proposta inicial era que as cooperativas de catadores, que antes atuavam no lixão, se mudassem para esse novo galpão, onde teriam melhores condições de trabalho.



Lixão da Estrutural em atividade em 2017. Foto: Hayssa Ramos.



O Desafio das Cooperativas no Novo Espaço

Em um primeiro momento, oito cooperativas que já possuíam contrato com o GDF/SLU (Serviço de Limpeza Urbana) iniciaram as atividades no novo espaço. Porém, outras quatro cooperativas, chamadas de Cooperativas do Cerrado, não tinham espaço garantido e começaram a lutar para ter acesso ao galpão, buscando melhorar as condições de trabalho e a qualidade de vida de seus cooperados.

Embora o novo galpão oferecesse um ambiente mais seguro e organizado, as condições iniciais ainda eram desafiadoras. As quatro cooperativas provenientes do Cerrado, por exemplo, enfrentavam dificuldades para se estabelecer. Com jornadas de trabalho alternadas, a renda dos catadores foi diretamente impactada, gerando grande instabilidade econômica e tornando a situação ainda mais difícil.

Os presidentes das cooperativas, como Alessandra, se uniram em busca de um contrato fixo com o governo, na tentativa de garantir a continuidade de suas atividades e melhores condições de trabalho para seus cooperados.

O que antes parecia impossível hoje se torna realidade, com conquistas importantes, como contratos de triagem e coleta seletiva, e a aquisição de caminhões que ajudam a melhorar a renda das cooperativas. Ainda há muito a ser feito, mas a transformação já está em andamento. As cooperativas e seus membros provaram que, com união, perseverança e apoio, é possível transformar a realidade e alcançar grandes vitórias, mesmo quando o ponto de partida é tão desafiador.

Alessandra Alves e as cooperativas de Brasília são exemplos de que a união e a luta por melhores condições de trabalho podem transformar a vida de muitas famílias.

A Luta pela Inclusão e Melhoria das Condições

Em 2020, após muito esforço, o Complexo Integrado de Reciclagem foi finalmente inaugurado, com doze cooperativas em busca de espaço e melhores condições de trabalho. Com o apoio da Rede CENTCOOP, que sempre esteve ao lado das cooperativas, as lutas começaram a trazer resultados positivos. A partir de maio de 2022, as quatro cooperativas que inicialmente não tinham contrato com o GDF conseguiram firmar parcerias para atuar na coleta seletiva em regiões de Brasília. Esse foi um grande avanço, proporcionando aos catadores uma fonte de renda mais estável.

As Conquistas ao Longo do Caminho

Olhar para o passado e ver a jornada das cooperativas de catadores de Brasília é uma verdadeira lição de resiliência e superação. O lixão, que por tanto tempo foi o único espaço de trabalho, representava não apenas um ambiente hostil, mas também um símbolo da luta pela sobrevivência. Hoje, graças ao esforço coletivo, ao apoio da Rede CENTCOOP e à persistência de líderes como Alessandra, as cooperativas conquistaram um futuro mais promissor.



Alessandra Alves na inauguração da Centcoop e caminhão de coleta seletiva. Foto: Greice Martins



Que venham novas batalhas

Alessandra Alves Lopes

Venho de uma família criada por uma mulher, mãe de 11 filhos e de 3 netos. Eu sou Alessandra Alves, mãe de 6 filhos. Minha história vem desse lugar de família e de amor, como gente que luta e resiste.

Quando pequena, eu sempre ia com a minha avó para o lixão, que era conhecido como Lixão do Jockey. O ano era 1987. Enquanto minha avó trabalhava, eu ficava brincando de casinha, pegando lata de manteiga para fazer panelas. Meus brinquedos eram todos achados no Lixão. Passava o dia vendo-a trabalhar, todos os dias. Fui crescendo e vendo a luta da minha avó por alimentos. O tempo passou, ela continuou trabalhando, e aquela realidade seguiu marcando a nossa vida.

Quando cresci, vi minha família inteira na mesma luta. Todos trabalhavam para sobreviver. Um dia, surgiu a oportunidade de trabalhar na usina de reciclagem que ficava localizada na L4 Sul. Eu cheguei lá com 19 anos, muito imatura, mas com a responsabilidade de sustentar duas crianças sozinha. Eu precisava superar a luta de ser mãe e dar uma vida melhor para as minhas filhas.

Naquele tempo, eu ainda não conhecia o que era uma cooperativa ou uma associação. Trabalhei ali até 2005, apenas na triagem, até que surgiu a oportunidade de participar do Conselho Fiscal da cooperativa. Foi quando aprendi a fechar as contas da associação e conheci o cooperativismo.

Na época, não havia mulheres atuando na diretoria, então precisei buscar as oportunidades que surgiam.



Alessandra Alves atuando na separação e coleta de materiais.

Montei uma chapa para tentar assumir a presidência. Perdemos por muito pouco, foi voto a voto, A luta continuou. Montamos uma nova diretoria e eu assumi a presidência por dois mandatos, à frente de uma associação que tinha uma dívida de R\$ 245.000 deixada pela gestão anterior. Eu não fazia ideia de como tocar aquele trabalho, mas comecei a buscar recursos. O local tinha muitos problemas, como furto de material. Passei dois anos organizando tudo e pagando a dívida.

Naquela época, ainda era muito comum os catadores pegarem alimentos que chegavam nos caminhões de supermercado na usina. Esses caminhões traziam muita comida ainda em condições de consumo, e os catadores levavam esses alimentos para casa, porque não tinham outra alternativa para se alimentar. Chegou um momento em que o caminhão já não passava mais na cooperativa, e essa realidade nos forçou a buscar novas formas de garantir o sustento das nossas famílias. Com o fim do lixão se aproximando, entendemos que, para melhorar a renda e assegurar nossos direitos, era necessário criar uma cooperativa.



poderíamos garantir benefícios importantes, como o pagamento da previdência dos catadores, e construir um futuro mais digno. Naquele período, começamos a participar dos debates, a reivindicar novos centros de triagem e infraestrutura adequada para o nosso trabalho.

A cooperativa da usina permaneceu funcionando, mas muita coisa mudou. Conseguimos parar de comer o que vinha do lixo e passamos a comprar o nosso próprio alimento com o fruto do nosso trabalho. Era um sinal de que nossa vida estava começando a melhorar.

Em 2018 que fui para CENTCOOP. Saí da minha base na usina, perdi meu cargo na diretoria. Mas nesse período aprendi muito na CENTCOOP e acolhi vários catadores para montar uma nova cooperativa. Participamos de reuniões com o Governo do Distrito Federal e aprendi muito sobre como funcionam as negociações e o governo.

Dessa luta nasceu a CETELS, a cooperativa que ajudei a montar. Ela veio de um lugar de muito sofrimento, porque nós não tínhamos nenhuma infraestrutura. Conseguimos um pequeno espaço dentro da Central e hoje temos um contrato de coleta seletiva com o SLU.



Primeiro galpão de trabalho da CETELS. Foto: Alessandra Alves.

Minhas filhas trabalham comigo atualmente. Ser catadora foi o que me permitiu criar minha família.

Minha vida sempre será a de uma catadora, com muito orgulho.



UMA NOVA SUPERAÇÃO

Por Luiza Alice Santos Rodrigues

A Cooperativa Superação surgiu a partir da iniciativa de um grupo de populares do Recanto das Emas. Eles se reuniram com o objetivo de salvar uma nascente da cidade, o córrego Varjão da Benção. Ao chegarem no local, perceberam a grande quantidade de materiais recicláveis espalhados pela área e, a partir dessa realidade, nasceu a ideia de criar uma cooperativa de catadores. Foi assim que, em julho de 2007, foi fundada a Cooperativa de Catadores Superação, uma das pioneiras na coleta de materiais recicláveis no Recanto das Emas.

Ao longo dos anos, enfrentamos muitos desafios. Perdemos o nosso fundador, Francisco de Almeida Linhares, e desde então a cooperativa passou por diversos presidentes, o que acabou gerando períodos de instabilidade e dificuldades na gestão.



Diretoria da Cooperativa Nova Superação nas dependências do Complexo de Reciclagem. Foto: Luiza Rodrigues.

Em 2017, constatamos uma irregularidade na documentação da cooperativa. Diante dessa situação, os cooperados tomaram a decisão de fundar uma nova cooperativa, para iniciar novos processos de contrato e garantir a continuidade do trabalho que havia sido iniciado pela antiga diretoria. Assim nasceu a Nova Superação, fundada no Recanto das Emas em 2017, com a união de 21 catadores que hoje atuam no Complexo de Reciclagem.

Eu cresci em meio à cooperativa. Desde criança estive presente na Superação, acompanhando a rotina e os desafios do trabalho coletivo. Estava lá quando a Nova Superação foi criada e participei de muitos momentos importantes dessa caminhada.

Atualmente, minha mãe é a presidente da Nova Superação e eu atuo como auxiliar administrativa, além de realizar serviços de triagem e comercialização do material coletado em órgãos públicos e privados do Distrito Federal.

Após anos de muita luta, começamos a prosperar. Em 2024, conquistamos nosso primeiro caminhão e assinamos nosso primeiro contrato de coleta seletiva e triagem de materiais. Foi uma grande vitória para todos nós, que acreditamos no poder da união e da superação.

E que venham novas superações!

Florescendo uma nova história

Por Maria Felix da Silva Costa



Capital Federal: uma ilusão? Foto panorâmica de Brasília. Foto: Thaynan Moraes.

Quando se fala em Brasília, geralmente pensamos em lugares bonitos, prédios altos, pessoas bem-vestidas. Eu não esperava encontrar uma realidade de tanta carência. Com o tempo, fui compreendendo melhor aquela situação. Depois de alguns anos, o lixão foi desativado e surgiram as cooperativas de catadores. O espaço da CENTCOOP foi entregue e, nesse meio tempo, vivi outras experiências de trabalho e conheci outras realidades. Até então, eu nunca tinha tido contato direto com uma cooperativa de catadores, embora tivesse amigos e familiares que já trabalhavam em cooperativas.

Meu primeiro contato aconteceu em 2021, quando perdi meu emprego. Minha cunhada me informou que a cooperativa precisava de gente para trabalhar, e resolvi fazer um teste. No começo, pensei que não conseguiria permanecer ali.

Sou piauiense e sempre tive o sonho de conhecer a capital federal. Em 2007, esse sonho se realizou, mais precisamente no dia 20 de janeiro. Quando cheguei ao Distrito Federal, fui morar na Cidade Estrutural, onde vivo até hoje. Naquela época, o lixão ainda estava em plena atividade. Eu observava as pessoas que trabalhavam lá: chegavam sempre sujas, com um cheiro muito forte. Aquele lugar tinha um odor característico, difícil de esquecer. No início, achava tudo aquilo muito estranho, porque nunca tinha visto nada parecido. Não fazia parte da minha realidade.

Trabalhar com lixo nunca esteve nos meus planos. Comecei como cooperada na Flor do Cerrado, separando materiais na esteira. Logo depois, fui convidada a trabalhar no escritório como auxiliar administrativa. Permaneci nessa função até abril de 2023, quando fui eleita diretora financeira da cooperativa.

Tem sido uma experiência cheia de desafios, mas também de muito aprendizado. Eu e minhas diretoras, todas mulheres, lutamos diariamente para que a nossa cooperativa e os cooperados se superem a cada dia. Sonhamos em ver a Flor do Cerrado no topo, equipada, com muitos contratos firmados, garantindo renda e dignidade para todos.

Nosso sonho é conquistar um empilhadeiro e um caminhão, para melhorar a logística dos materiais triados. Ainda não realizamos esse sonho, mas seguimos firmes, com esperança e vontade de crescer cada vez mais.



Minha trajetória como catadora

Por Nazaré Pereira Batista

Sou Maranhense e cheguei em Brasília em 2020. Moro na Estrutural desde então. Comecei a trabalhar como catadora há três anos. Conheci de perto a realidade de um lixão, pois morava próximo um antes. As pessoas trabalhavam em condições desumanas, expostas a doenças, ao risco de morte e aos soterramentos. Foi um cenário difícil de presenciar, mas que me mostrou a importância do trabalho dos catadores. Entrei para a CENTCOOP por indicação de uma amiga e passei a atuar como catadora de materiais recicláveis.

Um ano depois, me candidatei ao cargo de diretora secretária da cooperativa onde trabalho, a Flor do Cerrado. Desde então, estou na luta como parte da diretoria.

Houve muitas mudanças na minha vida desde que comecei. É um trabalho de muita responsabilidade para representar a cooperativa e lidar com tantos desafios. Dificilmente alguém sai de uma cooperativa de catadores da mesma forma que entrou. A experiência transforma a gente.

Conhecemos pessoas, fazemos novas amizades e, às vezes, temos a oportunidade de viajar. Eu mesma pude conhecer outros países através da cooperativa, aprender com outras trajetórias e ver como outras pessoas trabalham no mesmo ramo que o nosso. Vi muitas histórias de superação, vitórias que nos inspiram a continuar firmes e fortes na nossa luta diária.

A nossa maior vitória é garantir uma renda melhor para suprir todas as necessidades dos cooperados. Seguimos em frente, lutando para melhorar cada vez mais a situação da cooperativa. A Flor do Cerrado ainda é uma cooperativa pequena, mas, graças ao esforço de todos, conseguimos conquistar novas máquinas e, mais recentemente, uma empilhadeira que tem facilitado muito o nosso trabalho.

Também adquirimos equipamentos para empurrar o material até os caminhões, melhorando a logística das vendas, e um microônibus que leva e traz nossos cooperados todos os dias. As mulheres com quem trabalho são incríveis: todas buscam melhorias para os cooperados e pensam sempre no coletivo, no bem da cooperativa.

Temos ainda boas notícias para celebrar: conseguimos finalmente um contrato de triagem, um sonho antigo que agora se tornou realidade. Já podemos ver a renda dos nossos cooperados melhorar, e isso nos deixa muito felizes. Sentimos que toda essa luta valeu a pena e que nosso esforço está sendo reconhecido.



Estamos muito felizes por ver que nosso trabalho não foi em vão.

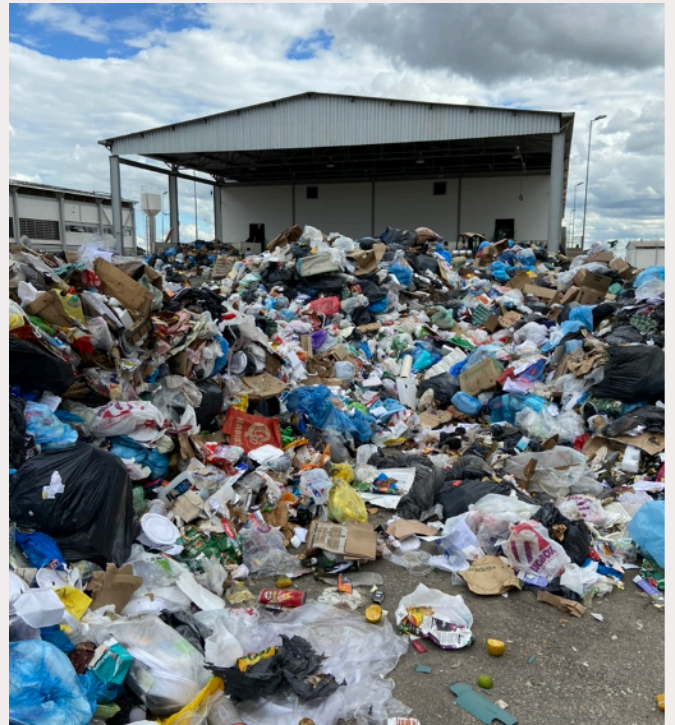


Uma Jornada de Riscos e Resistência

Por Marcionilia Pereira de Jesus

Eu trabalho na cooperativa de materiais recicláveis chamada Construir no Distrito Federal. Trabalho nessa cooperativa desde 2018, quando o lixão da estrutural foi fechado. A rotina na cooperativa começa às 15h, quando eu entro para começar a trabalhar. Trabalhamos até às 18h, quando fazemos uma pausa para o lanche. Cada cooperado tem que levar o seu lanche.

Saímos entre 20h30 e 22h, a depender da quantidade de material enviado. para a gente nesse dia. Enfrentamos diversos perigos na separação do material, pois nem todo material vem separado de forma correta. Então a gente faz a separação do que é material reciclável dos rejeitos, o que causa diversos riscos para a nossa saúde, porque a gente tem que mexer no rejeito e separar do material reciclável.



Resíduos provenientes da Coleta Seletiva recebidos na Centcoop. Há muita contaminação com materiais não recicláveis, aumentando os riscos para os catadores. Foto: Greice Martins.

Tem risco pra nossa saúde, porque a gente tá mexendo com material contaminado que a gente não sabe de onde vem. E também tem risco quanto aos cortes, porque a gente pode ser cortado por material de vidro que é descartado de forma incorreta. Também tem agulhas que são descartadas, a gente acaba se furando. Eu mesma já me furei com algumas agulhas que eu não sei a procedência. Já me cortei em diversos casos de vidros.

Vi colegas de trabalho se acidentando dessa forma. Sendo cortados ou furados por algum material que estava ali escondido no que a gente estava trabalhando no dia. A cooperativa tenta dar um suporte para os cooperados quando isso acontece, se oferecendo para levar para o hospital, mas o governo não oferece nenhum tipo de apoio para os cooperados quanto à saúde desses cooperados e os riscos que a gente sofre todos os dias.



A juventude segue na luta

Por Karlla Vitoria da Silva Alecrim

Lembro muito bem do tempo em que minha mãe e minha tia trabalhavam nas cooperativas. Elas sempre diziam que, no futuro, não queriam me ver no mesmo lugar que elas. Diziam que queriam me ver em um serviço digno, longe daquela realidade difícil. Naquela época, não se dava o valor que todos deveriam dar aos catadores. Hoje, vejo que a realidade não é exatamente como elas imaginavam.

Atualmente nossos catadores conseguem receber por um contrato de trabalho. Isso é uma grande conquista, pela qual lutamos há mais de 10 anos.

Hoje eu trabalho aqui para poder dizer àqueles que um dia disseram que não valia a pena: vale a pena, sim! Cada dia, cada ano que passamos aqui é motivo de orgulho, e eu posso dizer com certeza: nós conseguimos. E se alguém disser que foi fácil, eu respondo na hora que é mentira.

Lembro até hoje da minha avó, Dona Maria, que não está mais aqui entre nós. Ela catava seu material na rua e guardava para o outro dia. Muitas vezes, quando voltava, o material já tinha sido roubado. Hoje, trabalho aqui não porque é minha única opção, mas porque eu quero estar aqui.



Cooperados da Reciclo em evento em Brasília em 2020. Foto: acervo da cooperativa.

Quero lutar pelos catadores.

Meus catadores são a minha família.

Esse é o fim das minhas palavras, mas não o fim da minha história.



CENTCOOP EM CONSTRUÇÃO PARA O FUTURO

Por Noemy Rodrigues de Souza Silva

Meu nome é Noemy Rodrigues e tenho trabalhado na central há alguns meses como auxiliar administrativo, uma das minhas atividades é acompanhar a presidente Aline Souza em reuniões que ela participa, essa experiência tem me ampliado a visão sobre como uma liderança enfrenta desafios, toma decisões estratégicas e lida com questões como sustentabilidade, logística e inclusão social.

Como essa função abre espaço para a participação em reuniões e negociações com diferentes atores, como empresas privadas, órgãos governamentais e organizações da sociedade civil, estou acompanhando de perto o impacto das políticas públicas e das parcerias no fortalecimento do cooperativismo e iniciativas de reciclagem.

Um exemplo é a inauguração da cozinha solidária, na Centcoop, que com parcerias e negociações trouxe um projeto que tenho certeza que irá beneficiar inúmeros catadores, oferecendo a eles um espaço acolhedor e uma alimentação saudável para melhorar sua qualidade de vida, essa iniciativa mostra a importância de valorizar e apoiar aqueles que desempenham um papel tão fundamental no trabalho da reciclagem e na sustentabilidade.

Vendo essas discussões e parcerias se formando, e os resultados como por exemplo a capacitação para os cooperados, que ampliam as oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional para todos os envolvidos



Inauguração da cozinha comunitária Diogo Sant'Ana em dezembro de 2024. Foto: Noemy Silva.

Pela primeira vez como funcionária e estou conhecendo o mundo da reciclagem de um forma muito tranquila com o conteúdo, e também de oratória que me ajudou a desenvolver argumentos e melhorar a comunicação.

No futuro, acredito que essas experiências e aprendizados poderão abrir portas para mim e meus colegas de turma, que, com esse conhecimento poderão contribuir para iniciativas ambientais, poderemos promover soluções, e também incentivar que outros também possam participar de outras capacitações e crescer com o conhecimento.



**Universidade
de e para
Catadoras e Catadores**

✉ unicata.catadores@gmail.com

📄 www.unicatapiloto.blogspot.com

🌐 www.unicata.com.br

📷 [@unicata_brasil](https://www.instagram.com/unicata_brasil)
